

# As instalações e os sistemas contemporâneos

são uma oportunidade e não uma contrariedade

“**Sociedades industriais, modernas** – promovem o desenraizamento, a destruição, bem como a obsolescência dos objectos banais que continuamente produzem. A sua outra face é a da conservação material de alguns objectos, ligada a uma certa consciência da temporalidade e à ideologia individualista. Aqueles objectos que são alvo da conservação seriam os autênticos, preciosos, artesanais, antigos. Estas sociedades procuram conciliar dois elementos (pelo menos à primeira vista) contraditórios: a criação, a mudança, com a continuidade e a conservação. Há uma vontade de totalidade: produzir e proteger são duas faces da mesma moeda destas sociedades e dos aparelhos heterológicos (conhecimento e absorção do outro) que as caracterizam. Visibilização (presentificação) do passado e antecipação (planeamento) do futuro. Estas sociedades estão ligadas ao desenvolvimento das classes médias (que precisam de criar elementos de cultura comuns, e entre eles o do património) e ao consumo.”

Marc Guillaume, *in A Política do Património*, Porto: Campo de Letras, 2003, pp. 25-26

Esta visão pessimista, quase cruel, da nossa contemporaneidade faz-nos esquecer o quanto se progrediu no conhecimento e na valorização das questões do património como factor de desenvolvimento cultural. Contudo, não deixará de nos levantar questões pertinentes, ligadas sobretudo ao comportamento ético das comunidades, face à compatibilidade entre a herança cultural e o desenvolvimento tecnológico.

A Conservação, o Restauro, a reabilitação ou mesmo a substituição de edifícios antigos em zonas de valor patrimonial, ou em troços de cidade contemporânea consolidada, estão para além do próprio objecto arquitectónico. Mesmo a validação de determinadas intervenções, em termos de ética de intervenção, não deverá excluir as questões técnicas da contemporaneidade, ainda que muitas delas "exerçam pressão" sobre o património. O tempo histórico, o tempo estético e os novos tempos de usos nem sempre



*Pousada de Santa Maria do Bouro – Reabilitação integral enquanto conjunto patrimonial reactivoando o sistema hidráulico ancestral. Arq.º Souto Moura*

se compatibilizaram ou coincidiram entre si, por isso, alguns monumentos, edifícios classificados ou os edifícios com estima pública e privada, enquanto intervenções, estiveram e

estão sujeitos à inovação, à descoberta, à(s) moda(s). Aliás, a sua permanência em muitos casos só se justifica, ou melhor, só será aceite, pelo cidadão comum, se permitirem uma adequada assimilação dos novos sistemas, sem os quais se tornam progressivamente "objectos obsoletos", museológicos e, conseqüentemente, menos atraentes ao usufruto dos seus naturais utentes. Os aglomerados urbanos e, em particular destaque, as cidades são os primeiros a dar sinais de envelhecimento, de inadaptação a novos hábitos, usos e necessidades através dos espaços públicos que apresentam desajustamentos, disfunções, empobrecimento das actividades colectivas, vandalismo e abandono. Ao longo da história têm ocorrido distintos acontecimentos que levaram à transformação das urbes; os sinais da(s) mudança(s) são, na maioria dos casos, involuntariamente violentos e inesperados. Muitos deles surgiram por imposição não planeada, não discutida, não



*Angra do Heroísmo – Prospecção arqueológica junto ao cais. Trabalhos conduzidos pelo Dr. Maduro Dias*



*Pousada de Santa Marinha de Guimarães – projecto paradigmático de intervenção e infraestruturação em património histórico. Arq.º Fernando Távora*



*Estúdio Carlos Relvas, Golegã – Infraestruturação mínima através de túnel aqueduto subterrâneo. Arquitectura de Victor Mestre e Sofia Aleixo*

partilhada, quase sempre impostos por vontade de elites económicas e nem sempre cultas. Chegam com o peso da novidade e oportunidade de negócio como prova bastante do seu estatuto, enquanto portadores de progresso. E, perante esta força, a cidade, o espaço público, queda-se, abrindo um novo ciclo que nem sempre sara com brevidade num qualquer período a curto, médio, ou longo prazo. Por outro lado, verifica-se também que, quando a reacção à inovação, ao benefício real de um qualquer sistema, é de total resistência por parte da comunidade ou grupo de cidadãos, as cidades históricas ou tradicionais tendem a perder a oportunidade de se auto-avaliarem e, neste sentido, de se reajustarem às novas realidades com vista a alcançarem um determinado benefício e, consequentemente, bem-estar colectivo. Como exemplo, sobretudo por constituírem a continuidade da primeira geração de sistemas urbanos, temos os marcos do século XIX/XX, como os transportes motorizados, a electricidade, o telefone, e a segunda geração, o metropolitano, a TV por cabo, o gás natural e o telemóvel, entre outros, sendo, actualmente, parte integrante das nossas vidas diárias. A sua (parcial) assimilação nas vilas e cida-

des, esmagadoramente históricas, significa que estas tendencialmente convergiram para a sua actualização com vista à sua permanência física e, principalmente, dos seus habitantes e utentes. Verifica-se, contudo, que nem sempre da forma mais adequada, nomeadamente em termos patrimoniais e com especial destaque para as intervenções no subsolo, sendo estas complexas, mas também fascinantes. A pesquisa séria e o debate público constituem sinais incontornáveis do grau de civismo praticado pelos representantes da comunidade e por ela própria. O resultado contribuirá para a fortificação de uma opinião pública sobre a identidade e o valor do seu património histórico, arqueológico e arquitectónico, bem como o benefício do seu conhecimento, a par de potenciais descobertas, tenderá a compatibilizar-se com a introdução de sistemas indispensáveis à sua vida diária. O progresso que se dá a conhecer, de forma esclarecida e participada, corre para a valorização de uma determinada realidade física e representará uma oportunidade de concertação entre memória/identidade e avanço tecnológico/bem-estar social. Tem sido prática corrente separar cultura e ciência quando, no nosso enten-

der, ambas se fundirão na justa medida que, em conjunto, representarão o tempo histórico e estético em que vivemos, como aliás se passou desde sempre de modo continuado, e em situações paradigmata. Os edifícios emblemáticos, as grandes obras de engenharia, são a materialização dessa realidade e, em ambos os casos, podem observar-se exemplos de excelência em que a assimilação de sistemas inovadores de grande desenvolvimento científico concorrem, de forma incontornável, para a expressão estética, apreciada enquanto equilíbrio formal, harmonia de escala, como modelo que se aproxima de um ideal de beleza. São exemplos não só a Ponte de S. João, no Porto, e a base projectual do Aeroporto do Funchal, do Eng.º Edgar Cardoso; o depósito de água do Campus Universitário de Aveiro ou o Pavilhão de Portugal da Expo 98 de Lisboa, ambos do Arq.º Siza Vieira, mas também outros tantos como a intervenção no Convento de Santa Marinha de Guimarães, do Arq.º Fernando Távora, que superiormente devolveu um Convento ao uso contemporâneo sem que este tenha perdido identidade histórica. Ainda do mesmo arquitecto, e em conjunto com o G.T.L. de Guimarães, liderado




Castelo de S. Jorge, Caminho de Ronda – “Falso muro” infraestruturado por módulos. E.D.P., T.L.P., Tv Cabo, etc.. D.G.E.M.N. Arq.º Victor Mestre

pela Arq.<sup>a</sup> Alexandra Giesta, destacamos o Centro Histórico de Guimarães, em que a subtil introdução no subsolo de todo o tipo de sistemas contemporâneos permitiu a requalificação da cidade sem perda de identidade, garantindo aos cidadãos e utentes o acesso às tecnologias indispensáveis à vida quotidiana, idênticas às que qualquer urbanização de subúrbio oferece. Historiadores, arqueólogos, antropólogos, sociólogos, arquitectos, engenheiros, profissões tradicionais, profissões emergentes das novas tecnologias terão todos a mesma responsabilidade no desempenho das suas tarefas e o êxito do resultado do seu trabalho dependerá, em grande parte, do seu grau de cultura, a par dos seus conhecimentos enquanto especialistas. Quanto mais especializados, mais se lhes deverá exigir formação cultural. Só desta forma deixaremos de assistir à perfuração de azulejos e cantarias de fachadas para fixar cabos de electricidade ou telefone; à abertura de valas sobre solo arqueológico, arrasando, deliberadamente, estruturas e objectos preciosos para o esclarecimento do passado; à remoção de partes fundamentais dos edifícios, por preguiça mental de encontrar alternativas à implantação de todo o tipo de equipamentos indispensáveis, como conta-

dores, caixas derivadoras, bocas de incêndio; à alteração da paisagem urbana consolidada, do espaço público com arranjos exteriores estereotipados desnecessários; ou à perturbação da paisagem de transição entre o espaço aberto periurbano e a cidade, com publicidade massacrante. Para vencer positivamente toda uma longa tradição inadequada de gestão de projecto e obra, será necessário cultivar e valorizar o saber e o trabalho, independentemente da profissão, iniciando-se esta atitude pela formação cultural de todos os intervenientes em obras de reabilitação em centros históricos e em edifícios com valor ou estima patrimonial, bem como na cidade contemporânea. A classificação de edifícios será, nestas circunstâncias, perfeitamente secundária. Um pedreiro, um carpinteiro, um canalizador, um trolha não tem de transportar nenhum estigma inerente a uma qualquer desqualificação social. Qualquer profissão necessita, urgentemente, de ser valorizada, exigindo um alto desempenho aos seus representantes. O orgulho de fazer bem está associado à capacidade de outros, que estão no circuito, apreciarem e valorizarem esse trabalho. Um trolha pode apreciar um concerto de Shostakovich, uma peça de Brecht, um filme de Fellini, um po-

ema de Borges, uma pintura de Amadeu de Souza Cardoso, um livro de Saramago. Enquanto a sociedade não entender que a cultura transporta a vontade de querer saber e compreender todos os fenómenos que despertam a curiosidade e o interesse inerentes à inovação e ao conhecimento científico, demoraremos muito mais do que qualquer outro povo que teve a oportunidade de compreender este fenómeno e, por isso, não desperdiçou tempo, não desistiu e não se entregou ao fatalismo, à resignação. Soube reagir impondo padrões de exigência e qualidade.

A introdução em centros históricos e em cidades consolidadas de novas instalações e sistemas é uma oportunidade e não uma contrariedade. Tudo depende da competência de todos os intervenientes, e entende-se por competência não apenas a técnica/científica mas, sobretudo, o alto desempenho cultural de cada um enquanto executante, e igualmente se exige e espera idêntica competência cultural e científica dos que projectam e coordenam obras desta natureza. 

VICTOR MESTRE,  
Arquitecto